

A sereia branquinha e a bruxa da diretora: um estudo das brincadeiras de faz-de-conta

Everton Arruda Irias

E.P.G. Celso Furtado

A experiência foi desenvolvida no ano de 2015, na E.P.G. Celso Furtado, pertencente ao município de Guarulhos. As aulas aqui descritas ocorreram com as turmas de 1^{os} e 2^{os} Anos da unidade escolar. Vale salientar que as tematizações não ocorreram de maneira homogênea em todas as turmas envolvidas no trabalho, já que as crianças eram outras e possuíam significações e representações distintas com relação ao que vinha sendo discutido e vivenciado. O trabalho procurou seguir os pressupostos teóricos do currículo cultural, considerando os alicerces e a alvenaria que permitem produzir uma escrita apoiada nessa proposta.

Era a primeira vez que ministrava aulas nessas turmas. Nos anos anteriores não tiveram contato direto com a Educação Física ou, quando aconteceu, se deu mediante uma proposta, segundo as falas das crianças, divergente da nossa. Iniciamos os trabalhos com uma série de diálogos que buscavam mapear as manifestações corporais acessadas pelas crianças dentro e fora do ambiente escolar, as práticas corporais presentes no entorno e as significações dos alunos acerca de algumas destas manifestações. Nesse momento foi possível destacar as brincadeiras em que as crianças simulavam papéis e ações da vida cotidiana.

Decidimos nomear essas manifestações como “brincadeiras de faz-de-conta”, pois nelas as crianças faziam de conta ser determinado personagem, ou realizar determinada ação. Diante de algumas representações e significações dos alunos acerca do tema, entendemos que o mesmo poderia relacionar-se com o Plano de Ação da escola que se voltava para a “Educação para os Direitos Humanos”. Vale salientar que, próximo a este momento, recebemos na escola a visita de uma escritora de livros infantis que abordava a temática dos Direitos Humanos e a mesma foi enfática ao dizer que promover essa discussão seria o mesmo que dialogar sobre os diferentes marcadores sociais presentes nas relações diversas, e como as injustiças e as desigualdades são produzidas com base no gênero, etnia, religião etc., as brincadeiras de faz-de-conta poderiam suscitar conteúdos e problematizações que abordassem as questões mencionadas pela autora.

Iniciamos o estudo produzindo uma lista numa cartolina das brincadeiras de faz-de-conta vivenciadas e conhecidas pelos alunos. Durante essa produção, aproveitamos para conversar sobre os materiais que as crianças utilizavam para realizar as brincadeiras fora da escola e as possibilidades de empregar os recursos disponíveis na unidade. Pedacos de madeira, panos, caixa de papelão e outros objetos, foram mencionados pelos alunos para que as brincadeiras pudessem acontecer. Além disso, algumas crianças sugeriram a confecção de materiais com papel e papelão como, por exemplo, a coroa da princesa, as “arminhas” para brincar de polícia e ladrão. E, nesta mesma conversa, alguns alunos afirmaram possuir em casa brinquedos e fantasias que não utilizavam mais, e que poderiam ser trazidos. Diante de tantas informações, decidimos primeiramente elaborar e encaminhar aos responsáveis pelos alunos das turmas envolvidas, um bilhete solicitando a doação de brinquedos e fantasias obsoletas. Em seguida, buscamos na escola e em outros locais, os objetos citados pelos alunos para a realização das brincadeiras. E, por fim, foram destinadas duas aulas para que as crianças produzissem com papelão, cartolinas, barbantes, fitas adesivas e canetinhas, alguns objetos que necessitavam para vivenciar as brincadeiras. Com relação às doações, chegaram até a escola uma fantasia de sereia, um vestido comumente utilizado nas festas juninas, uma máscara do “Homem-aranha, além de brinquedos diversos.

Foi aí que retomamos nossos registros e considerando o projeto pedagógico da instituição, traçamos as seguintes expectativas de aprendizagem para o decorrer do trabalho: explicar e demonstrar corporalmente e oralmente as brincadeiras vivenciadas em contexto familiar e comunitário; e promover, mediante a vivência, modificações na estrutura das brincadeiras, considerando a demanda e características do grupo, do espaço e materiais.

Para iniciarmos a vivência das brincadeiras listadas, dialogamos com a turma sobre como elas poderiam acontecer. Coletivamente, decidimos que as crianças se dividiriam em grupos ou ficariam sozinhas se quisessem, e escolheriam as brincadeiras, dentre as que foram mencionadas durante o mapeamento, que gostariam de vivenciar, sendo que, caso duas crianças ou dois grupos de alunos, quisessem os mesmos materiais, deveriam fazer o rodízio entre os grupos após um determinado tempo. Decidido isso, durante algumas aulas as crianças vivenciaram as brincadeiras listadas.



Construindo os brinquedos



Construindo os brinquedos



Brincando de aventureiros



Brincando de cabeleireira



Brincando de fazer comidinha



Brincando de cowboy



Brincando de ninja



Brincando de escolinha



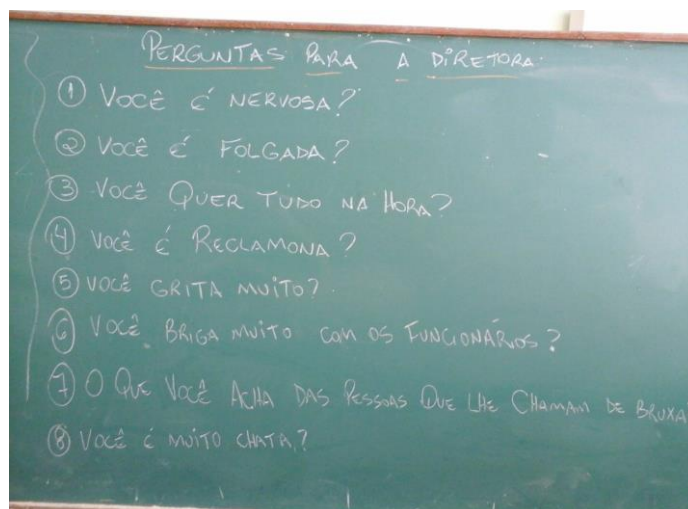
Brincando de polícia e ladrão

Vários conflitos surgiram no decorrer das vivências: grupos que invadiam os espaços em que outras crianças estavam brincando; crianças que queriam realizar determinadas ações ou representar determinados personagens e, devido à organização do grupo, não conseguiam; brincadeiras vivenciadas apenas por meninos e outras apenas por meninas; uma das turmas que, praticamente, não utilizava os objetos produzidos com papelão e cartolina. Muitos destes conflitos foram discutidos abertamente, a fim de encontrar soluções para os problemas identificados. Outros deixaram de ser abordados como, por exemplo, a não utilização dos objetos confeccionados pelos próprios alunos. Como forma de registro, fotografamos vários momentos do trabalho.

Após as vivências, com suas devidas discussões, as imagens foram projetadas aos alunos para que pudessem comentar as cenas e expor as diferentes formas de ocorrência social de cada uma das brincadeiras vivenciadas, bem como proporem novas ações e funções dentro das brincadeiras. Nesta exposição, as crianças destacaram os personagens representados em cada brincadeira e suas respectivas funções. Numa das turmas, enquanto conversávamos sobre os personagens da brincadeira de escolinha, uma das alunas gritou: “Tem a bruxa professor”; “A bruxa?” – respondi eu; “Sim, a diretora”. Indaguei as crianças se todas concordavam que a diretora era uma bruxa e muitas concordaram. Quando questionadas sobre o motivo dessa representação, responderam que a diretora sempre é muito brava e grita com as crianças. A explicação de uma das crianças revelou a correspondência com a personagem da novela “Carrossel”. Demos continuidade à conversa nas aulas posteriores e várias vezes as crianças apontaram as características que estavam “coladas” à imagem da diretora. Destas características emanavam apenas remissões à braveza, endurecimento e rigidez. É fato que nem todas as crianças concordavam com isso, e também colocavam suas opiniões dizendo que em suas escolas anteriores as diretoras não eram bravas nem maldosas. Neste ponto do estudo, uma nova expectativa de aprendizagem foi elaborada: identificar a forma como os sujeitos de algumas brincadeiras são representados e significados, discutindo sobre as relações envolvidas na produção dessas representações e significações.

Resolvemos então, numa aula posterior, convidar a diretora da nossa escola para um bate-papo. Preparamos antecipadamente algumas perguntas que gostaríamos de fazer-lhe. Sugeridas pelos alunos, as indagações versavam sobre as características que permeavam a identidade da diretora: “Você é muito brava?”; “Você grita com os funcionários?”; “Você é chata?”; dentre outras. Na data combinada, a diretora veio até a sala e respondeu todas as

perguntas feitas pelos alunos. Em muitas das respostas, sua fala não correspondia à imagem inicial que as crianças possuíam. Elas se sentiram muito confortáveis em poder conversar com a diretora da escola.



Perguntas para a diretora



Conversa com a diretora

Após todos os diálogos acerca das fotos, as crianças voltaram a vivenciar as brincadeiras de faz-de-conta, buscando incorporar alguns dos personagens ou funções apontados nas conversas em sala. Durante as vivências, buscávamos conversar com cada grupo de alunos para que os mesmos expusessem o que estavam fazendo, quais as funções de cada personagem etc. Numa das turmas de segundo ano, nos aproximamos de um grupo de meninas que vivenciavam a brincadeira de sereia, de posse da fantasia doada para as

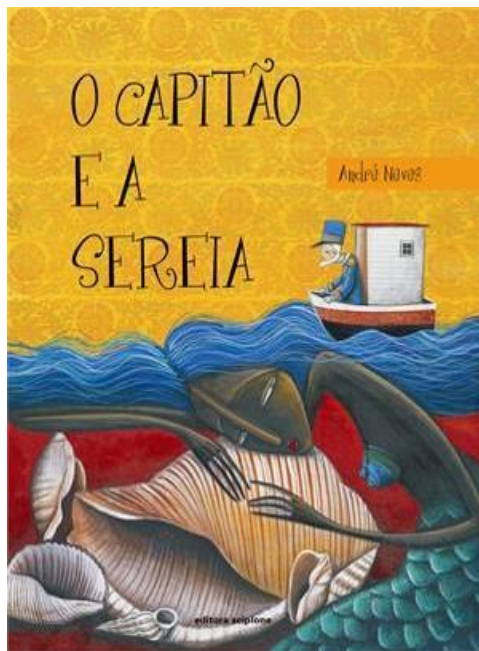
atividades. Uma das meninas veio até nós afirmando que gostaria de ficar com a fantasia. Conversamos com o grupo e, coletivamente, concluímos que esta garota poderia ficar com a fantasia. Após pouquíssimo tempo, voltamos nosso olhar para o grupo e percebemos que aquela garota já tirava a fantasia e a passava para sua colega. Aproximamo-nos novamente e indagamos por que ela já estava retirando a fantasia de sereia? Ela respondeu que “estava dando a fantasia para sua colega porque ela se parecia mais com uma sereia, pois sereia era mais magrinha e branquinha”.



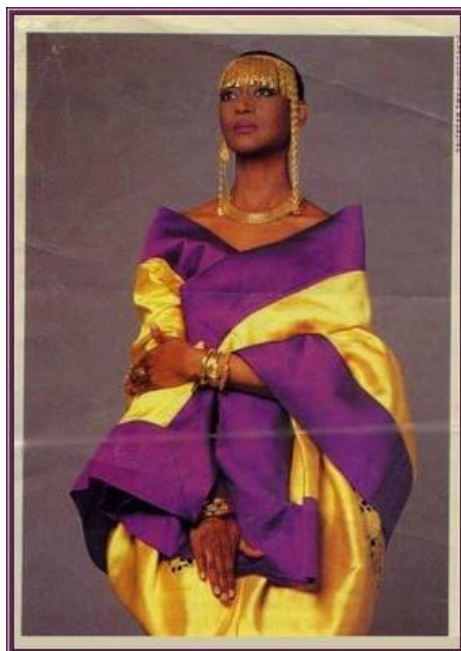
Brincando de sereia

Na aula seguinte levamos tal consideração para uma conversa com todo o grupo e notamos que vários outros alunos da sala possuíam a mesma, estendendo-se também à representação que tinham da princesa, ou seja, “uma personagem branca e magra”. Começamos a pensar em maneiras de conversar com sobre o tema e de instrumentos e materiais que pudessem ser utilizados. Por recomendação de uma professora da escola, recorremos a um livro infantil de título “O capitão e a sereia”, onde, nas ilustrações, a sereia é representada de uma maneira diferente daquela exposta pelas crianças: “era negra e não era magra”. Além disso, buscamos imagens que representassem as personagens da sereia e da princesa de diferentes maneiras. Numa das aulas fizemos a leitura do livro e focamos a discussão nas imagens da sereia. Muitas crianças deram risada e consideraram aquela sereia feia. Discutimos então sobre quais os motivos nos levaram a pensar que ela era “feia” ou “engraçada”. Percebemos, mediante o diálogo e a leitura de outras imagens, que os diferentes textos e discursos apresentados às crianças durante toda a sua vida não representavam a sereia, e nem mesmo a princesa, da forma como aquele livro fazia. Aliás, muito pelo

contrário. Além disso, tentamos compreender que a representação da sereia e da princesa não é a mesma em todos os lugares e em todas as culturas, e aquilo que consideramos “feio” ou “engraçado” em uma determinada cultura, pode não ser em outra. Para tanto, recorremos a outros materiais e fizemos a leitura de imagens de princesas africanas.



Livro “O capitão e a sereia”



Princesa africana

Após essas atividades e conversas que eclodiram, numa das aulas posteriores foi proposto às crianças que fizessem o desenho, numa folha de sulfite, de uma sereia. Entregues

os desenhos, as crianças foram convidadas a comentar seus trabalhos. Algumas crianças desenharam a sereia branca e magra; outras desenharam a sereia negra; outros desenharam a sereia com um corpo que não era magro. Vale ressaltar aqui que todas estas ações pedagógicas eram intercaladas com aulas onde as crianças continuavam vivenciando e modificando as brincadeiras de faz-de-conta.

Com algumas turmas, o trabalho foi finalizado após a produção do desenho. Em outras, sugeriram formas alternativas de finalização do trabalho. Como as brincadeiras simulavam situações da vida cotidiana ou histórias infantis, alguns alunos sugeriram que fosse pensado um outro final para aquelas situações ou histórias infantis, e que elas fossem vivenciadas no formato de brincadeiras. E assim foi realizado. Na brincadeira de polícia e ladrão, por exemplo, os ladrões tinham que morrer no final.

Todo o processo foi registrado por meio de fotos, que foram utilizadas na aula, como dito anteriormente, e também por escrito. Tais registros permitiram a avaliação constante do trabalho e sua construção e reconstrução no decorrer das aulas. A retomada desse material permitiu-nos inferir que o projeto propiciou às crianças o alcance das expectativas de aprendizagem planejadas, no entanto, percebemos algumas falhas e faltas, principalmente no que diz respeito à não problematização de alguns posicionamentos das crianças durante as brincadeiras.